

JB
25/4/97 4
1690

Fogo cruzado na Funai

■ **Presidência da fundação é o pior cargo do governo**

MARCIA GOMES

BRASÍLIA — A presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai) é um dos piores cargos do governo. Os índios invadem gabinetes e fazem funcionários de reféns quando suas reivindicações não são atendidas. Muitas vezes são usados pelos servidores para pressionar a direção da fundação. O atual presidente, Júlio Gaiger, já foi seqüestrado duas vezes pelos índios.

A situação piora quando se leva em conta que os 350 mil índios brasileiros pertencem a 205 etnias e falam 170 idiomas. Além de administrar essas diferenças, o presidente da Funai tem por atribuição constitucional oferecer aos índios educação, segurança e defesa de suas terras. "É extremamente complicado administrar essas diferenças. A Funai é incompreendida dentro do próprio governo", diz o sertanista Sydney Possuelo, que foi presidente da fundação em 1978 e 1979.

Além disso, Possuelo considera agravante o fato de que os índios

estão submetidos a leis que não ajudaram a fazer. Para equilibrar todos esses interesses, o sertanista considera fundamental que o titular do cargo tenha sensibilidade para compreender a importância histórica das comunidades indígenas e que se trata de uma população que foi conquistada e mantida submissa.

Execração — "Quando o presidente da Funai é elogiado pelo governo é porque nada fez pelos índios. Quando o governo o tolera é porque fez alguma coisa. Mas quando é execrado significa que sua administração é boa para a população indígena", diz Possuelo. A Funai já foi vinculada aos extintos ministérios da Guerra e do Interior, ao Ministério da Agricultura, à Casa Civil da Presidência da República e agora está no Ministério da Justiça.

"Ninguém quer o patinho feio do governo", afirma Possuelo, que defende que a Funai seja transformada em um ministério para ter mais autonomia política no governo. Com 3.700 funcionários, a fundação tem muitos servidores nas cidades e poucos para atender os índios nas aldeias.

O vice-presidente do Conselho Indigenista da Funai, o índio

Marcos Terena, garante que apenas o general Ismarth de Oliveira, que presidiu a Funai em 1978, conseguiu fazer uma boa administração. "Ele falava firme, mas não gritava. Tinha recursos e sempre visitava as aldeias", disse.

Marcos Terena enumera três qualidades para o presidente da Funai: tem que ter trânsito no governo, conhecer a realidade indígena, além da estrutura física e humana da Funai. Gaiger, segundo Terena, não tem bom trânsito no Palácio do Planalto.

Diversos presidentes da Funai protagonizaram acontecimentos no mínimo estranhos nos últimos anos. Julio Gaiger tomou banho nu durante a cerimônia do Quarup, com as tribos do Alto Xingu. Ao menos para receber o ministro da Justiça, Nelson Jobim, conservou a sunga. Dinarte Nobre de Madeira, presidente em 1995, foi acusado de gastar US\$ 1 milhão por ano em viagens de índios a Brasília. Um dos motivos do afastamento, em 1993, de Cláudio Romero, foi o surgimento de documentos que comprovavam ser informante do extinto SNI. Já Cantídio Guimarães foi demitido pelo ex-presidente Collor acusado de ter relações sexuais com uma índia e fotografar outras nuas.



O presidente da Funai, Júlio Gaiger, causou polêmica ao tomar banho nu na festa do Quarup, no Xingu